

ENTRE UMA NOVA IMAGEM CONCEITUAL E O APRENDER FILOSÓFICO

Camila Rodrigues Batista Neta¹

¹ UNESP, *Campus* de Marília. E-mail: camila.neta@unesp.br

Linha de Pesquisa/Eixo Temático: Filosofia e História da Educação no Brasil

Palavras-chave: Plano de imanência. Criação filosófica. Criação educacional.

INTRODUÇÃO

O presente texto é resultante de empenhos e esforços em pensar a filosofia da educação como uma ferramenta que possibilita fomentar diferentes perspectivas educacionais. Para tanto, apoiamos este trabalho em Deleuze e Guattari (2010), ao proporem uma filosofia que não diz respeito aos universais e que reconhecem que suas condições são sempre singulares. Assim, em *Diferença e repetição* (2018), Deleuze fazia indicação de uma nova imagem do pensamento, e como esta apreensão tomava uma nova forma; entendemos que com essa nova formatação é possível compor uma paisagem conceitual, que recai ao esperado de uma problematização proposta em sobriedade.

Um conceito crucial é de plano de imanência, ao que Deleuze e Guattari (2010, p. 47) afirmam: “[...] não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento...”. Dessa forma, o plano se situa como elemento que torna o conceito possível de ser criado, que lhe atribui uma imagem. Para a construção filosófica, é indispensável essas condições de problematizar os nossos pensamentos e para isso, é ainda mais importante um solo que nos permita agir de tal maneira. Desse modo, a imanência é o que garante o envolvimento do filósofo com os conceitos; é que garante uma prática filosófica que se dá na própria vida.

METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho, admitimos como metodologia, a abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e exploratório, buscando em bases científicas alcançar textos e referências que contribuíssem a compor o pensamento que aqui se apresenta.

ANÁLISE FINAL DOS RESULTADOS OBTIDOS

O desafio deste trabalho foi situar como é possível pensar e criar uma nova imagem conceitual, que seja capaz de romper com uma filosofia que é dogmática, indiferente e restrita. Executamos os deslocamentos que nos pareceram indispensáveis para aproximarmos o plano filosófico do plano educacional. Em face disso, nossa proposta está substancialmente no que Gallo nos aponta, sendo que este fazer é: “Instaurar, inventar, criar... Um plano de imanência circunscrito pelos e circunscritor dos problemas educacionais [...]” (2016, p. 57-58).

As nossas apreensões dizem respeito a um olhar de deslocamentos e sendo assim, devemos, ainda, apresentarmos alguns apontamentos para finalmente identificarmos essas relações de planos e personagens. É preciso reconhecer e reivindicar que o plano é o solo fértil no qual o pensamento percorre, todavia, vemos que este é o momento para mencionarmos mais profundamente a despeito das territorializações e desterritorializações. Nisto, colocarmos a noção de uma nova imagem educacional à nossa disposição requer uma reterritorialização; temos de problematizá-lo sob a nossa perspectiva, e, em nosso caso, estamos sempre voltados à educação.

Do mesmo modo que dizemos que partimos de leituras e problematizações que são propostas para que seja possível atribuir à filosofia uma identidade que dê conta de não a reduzir. Para isso, os personagens conceituais são imprescindíveis, ainda que eles não vão abordar nenhuma temática educacional a não ser que nós fizemos as devidas problematizações. Assim sendo, precisamos de um personagem que contribua para estabelecer uma nova forma de olhar para a filosofia e acreditamos que este seja o amigo, cujo já foi apresentado e como nos indica Cardoso Jr. (2006) e (2007).

Partimos, deste modo, em busca dos pontos de conexão do que possa ser o elo de amizade quando esta não se trata de uma sabedoria a ser alcançada, mas sim, à questão da exterioridade que somos acometidos por todo o tempo. Admitidamente, o pensamento se constitui pelo fora,

todavia, nos encaminhamos ao que consiste esse fora, pensando, impreterivelmente, nas hierarquias e discursos que afligem ambos os planos. É quando saímos dos papéis que nos são previamente estabelecidos e que por sua vez são interiorizados aos seus respectivos representantes, ou seja, é a partir do momento em que se pode construir um novo caminho para si mesmo. Com base nisso, é preciso delinear as marcações que dizem respeito aos personagens conceituais. É preciso estreitar os laços de uma amizade competente. Todavia, “[...] os amigos não podem mais se entregar com toda a confiança à própria relação de amizade que os unia.” (Cardoso Jr., 2007, p. 36).

Restituir uma relação de amizade não deve ser considerada nos mesmos princípios gregos, uma vez que a relação do fazer filosófico não deve estar ligada às conversações e a mediação filosófica não deve dar-se em um pressuposto igualmente equivocado. Nesse sentido, se sobressai a noção da pedagogia do conceito, a pensar as perspectivas de criação, de modo a abrir nosso leque de opções mediante a variabilidade em que as condições são possíveis de criar e, dentro do que estamos falando, como se aprende. Conduzimos, portanto, o nosso olhar para a importância do envolver-se com aquilo que se é apresentado, não visando se adequar aos ecos do que se espera, e sim porque esses afetos criam o elo entre o que se aprende sem condicionar a um status reduzido, assim como essa relação também se tornar produtora de uma nova imagem. A síntese disso, diz uma – ou várias – potencialidade que é a da produção e da aprendizagem. Em nosso caso, foi sobre uma nova maneira de aprender filosofia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já nos encaminhando para a finalização, ainda devemos dizer que a nossa apreensão filosófica consiste no constante enfrentamento entre o fora e dentro, seja em termos de possibilitar o pensamento tanto como o de nos conciliarmos com a filosofia. Aprender filosofia está, em muito, relacionado a essa aproximação do próprio saber, de não estarmos sozinhos nesse processo, elencando o amigo como possível para essa relação, afastando os pressupostos de um bom aluno, do bom professor e consequentemente de um bom aprender. Criar nossas formas de aprender, a depender dos instantes, dos encontros, das intempestividades ocorre através de uma pedagogia do conceito. Realocarmos tais preceitos, estabelecer esses princípios conectivos admitindo que, a qualquer momento, possamos tomar uma nova saída, criar um novo

caminho. Devemos superar o culto pelas origens, restituir as minúcias que nos escapam pelo olhar generalista. Temos de olhar pelo sensível, não pelo o que já foi, mas o que possa ser, do que se está fazendo.

REFERÊNCIAS

BIANCO, Giuseppe. Gilles Deleuze educador: sobre a pedagogia do conceito. Trad. Tomaz Tadeu. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol.27, n.2, p.179-204, jul./dez. 2002.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. A amizade como paisagem conceitual e o amigo como personagem conceitual, segundo Deleuze e Guattari. **KRITERION**. Belo Horizonte, nº 115, p. 33-45. jun. 2007.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Pensar a pedagogia com Deleuze e Guattari: amizade na perspectiva do aprender. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 31. p. 37-51, jan./jun. 2006.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol.27, n.2, p.10-18, jul./dez. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia?. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.